

A VARIAÇÃO LINGUÍSTICA E AS RESTRIÇÕES ESTILÍSTICAS / LINGUISTIC VARIATION AND THE STYLISTIC CONSTRAINTS¹

Dermeval da HORA

Universidade Federal da Paraíba (UFPB)/CNPq/CAPES

Leo WETZELS

Vrije Universiteit – Amsterdam

RESUMO

Os estudos sociolinguísticos desenvolvidos por Labov, nos anos 60 e subseqüentes do século XX, foram fundamentais para o início e a continuidade de outros estudos realizados em diferentes partes do mundo. A partir da estratificação social das variáveis e observando sua correlação com fatores estruturais, foi possível que se estabelecessem padrões sistemáticos em vários aspectos da língua, principalmente no que tange aos fonológicos. Como atestam os trabalhos implementados, ênfase maior foi dada às variáveis sociais e estruturais, com pouca atenção à variável estilística. Nosso objetivo neste texto é avaliar diferentes propostas (LABOV, 1966, 2001; BELL, 1984; ECKERT, 2000, 2005) que envolvam a relação estilo/variação, utilizando dados oriundos de corpora diferentes. Em um primeiro momento, utilizaremos apenas dados de falantes residentes em João Pessoa, avaliando o uso das oclusivas dentais; em um segundo momento, falantes paraibanos que residem em São Paulo (capital) há mais de cinco anos, avaliando o uso dos róticos. Por último, avaliaremos o nível de consciência do falante em relação aos fenômenos linguísticos considerados acima.

¹ Trabalho realizado durante período de Estágio Sênior na Vrije Universiteit (Processo BEX 3613/09-7 – CAPES), tendo como supervisor Leo Wetzels (NWO grant number 040.11.176). É um trabalho que também resulta de uma parceria entre o Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal da Paraíba (UFPB) e o Programa de Linguística da Universidade de São Paulo (USP), financiado pelo CNPq, Proc. 620020/2008-3.

ABSTRACT

The sociolinguistic studies developed by Labov in the 1960s and through the 20th century were fundamental to other studies conducted worldwide. Owing to the social stratification of variables and observations regarding their correlation to structural factors, it was possible to establish systematic patterns in various aspects of language, especially with regards to the phonology. As demonstrated by the work completed up to the present, emphasis was given to social and structural variables, with little attention devoted to the stylistic variable. Our goal in this paper is to evaluate different proposals (LABOV, 1966, 2001, BELL, 1984; ECKERT, 2000, 2005) that involve the relationship between style and variation using data from different corpora. The first stage of this endeavor involved only data from speakers living in João Pessoa, and focused on evaluating the use of dental plosives. Subsequently, the research expanded to include Paraíba speakers living in São Paulo city for a period greater than five years to evaluate the use of rhotics. Finally, we evaluated the speakers' level of awareness of the linguistic phenomena considered above.

PALAVRAS-CHAVE

Audience design. Comunidade de prática. Estilo. Variação estilística.

KEY-WORDS

Style. Stylistic variation. Practice community. Audience design.

Introdução

‘Estilo’ pode conotar um grande número de significações que podem estar atreladas a diferentes situações da vida. Aqui, interessa-nos aquela relacionada ao uso da língua, correlacionando-o a formas variáveis de determinados processos fonológicos em comunidades específicas.

Dessa forma, o estilo é visto como uma restrição que pode favorecer ou não a escolha de uma dentre as diferentes variantes que constituem uma variável. E, mesmo assim, o emprego da restrição “estilo” vai ter conotações diferenciadas.

Por que falamos de “estilo” enquanto restrição? Ao tratá-lo assim, estamos retomando um dos conceitos estabelecidos por Weinreich, Labov, Herzog (1968), que, ao procurarem estabelecer os fundamentos teóricos para uma teoria linguística de base empírica, entendem ser “as restrições” um dos cinco problemas a serem solucionados na análise sociolinguística de um processo, seja ele fonológico ou gramatical.

Enquanto “restrições”, podemos pensar em um conjunto de fatores, sociais ou estruturais, a que se correlacionam um determinado processo. A esses devem ser somados os fatores estilísticos. É, pois, nessa perspectiva que trataremos o ‘estilo’.

A variação estilística envolve variação na fala de falantes individuais mais do que entre grupos de falantes, ou seja, ela está mais presente intrafalante do que entre falantes, muito embora saibamos que, para termos a primeira, necessariamente, teremos que ter a segunda.

Nosso objetivo neste texto é avaliar diferentes propostas (LABOV, 1966, 2001; BELL, 1984; ECKERT, 2000, 2005) que envolvem a relação estilo/variação, utilizando dados oriundos de *corpora* diferentes. Em um primeiro momento, utilizaremos apenas dados de falantes residentes em João Pessoa, avaliando a palatalização das oclusivas dentais; em um segundo momento, falantes paraibanos que residem em São Paulo (capital) há mais de cinco anos, avaliando o uso dos róticos. Por último, avaliaremos o nível de consciência do falante em relação aos fenômenos linguísticos considerados acima. Vale destacar que não é nossa intenção fazer, nesse momento, um estudo quantitativo. O que implica que as análises serão, basicamente, de cunho qualitativo.

A escolha do processo que envolve a palatalização das oclusivas dentais tem a ver com o fato de esta regra de palatalização ser inovadora na comunidade pessoense, uma vez que a norma presente em João Pessoa é a sua não aplicação. Assim, é padrão local a realização de tais consoantes não palatalizadas, como em “[t]iro”, “[lei[t]I]”, “[les[t]I]” etc. Tais realizações estão convivendo, aos poucos, com “[tʃ]iro”, “[lei[tʃ]I]”, “[les[tʃ]I]”, respectivamente. Isso nos leva a questionar: (a) será que

podemos relacionar a variação que envolve este aspecto fonológico com a mudança de estilo, nos moldes proposto por Labov (2001), aplicando seu modelo arboreo? (b) podem outros modelos, como os de Bell (1984) e Eckert (2000), justificar o uso variável das oclusivas dentais, atrelando-o à variação estilística? (c) até que ponto o falante tem consciência da alternância entre esses dois usos?

Em se tratando dos róticos, o que nos motivou sua escolha para avaliar falantes paraibanos residentes em São Paulo (capital) foi o fato de termos duas realizações bem diferenciadas entre João Pessoa e São Paulo. Para a primeira comunidade, o padrão é a realização aspirada em posição interna, como em “por[h]ta”, “co[h]da”, “co[h]po”, enquanto na segunda, o padrão é o tepe: “po[r]ta”, “co[r]da”, “co[r]po”. As mesmas perguntas formuladas para as oclusivas dentais também valem para os róticos. Um aspecto a ser considerado neste caso diz respeito à avaliação do processo de acomodação dos falantes paraibanos ao dialeto paulista. Será que isso ocorre?

Três hipóteses norteiam nossa proposta: (a) A mudança de estilo do falante não está condicionada aos elementos da situação de fala (formalidade ou audiência), mas ao uso de seus próprios recursos estilísticos; (b) O falante usa sua fala para marcar sua identidade; (c) O nível de consciência em relação ao uso das variáveis selecionadas está correlacionado aos anos de escolarização do falante, ou seja, quanto maior a escolaridade, mais consciência em relação à variação ele terá.

Para desenvolvermos tais ideias, assim estruturamos o texto: na seção 1, apresentaremos uma contextualização da variação estilística; na seção 2, trataremos de três modelos voltados para a variação estilística: o de Labov (1966, 2001), o de Bell (1984) e o de Eckert (2000); na seção 3, analisaremos os dados relativos à palatalização das oclusivas dentais e também aos róticos.

1. Contextualizando a variação estilística

Segundo Schilling-Estes (2004), tradicionalmente, os variacionistas consideram que a mudança de estilo envolve mudança no uso dos traços fonológicos e gramaticais, dispostos ao longo do continuum vernacular – padrão, entre situações diferentes de fala, delimitadas ou de acordo com a atenção prestada à fala (LABOV, 1966) ou de acordo com a audiência do falante (BELL, 1984). Nesse sentido, os estudos de variação intrafalante encontram paralelo naqueles de variação entre falantes, em que as variáveis fonológicas e gramaticais são investigadas entre diferentes grupos de falantes. Porém, as investigações variacionistas de mudança de estilo são muito diferentes das investigações de estilos de fala conduzidas em décadas passadas em outros subcampos da sociolinguística. Por exemplo, as abordagens taxonômicas de pesquisadores como Ervin-Tripp (1964), Halliday (1978) e Hymes (1972) consideraram a variação estilística como algo que envolvia uma variedade muito maior de tipos de variação, diferente do que conceberam os primeiros variacionistas. Além disso, para aqueles estudiosos, a variação estilística era condicionada por uma variedade mais ampla de fatores, incluindo não só a formalidade da situação ou a composição da audiência, mas fatores como tópico, ambiente, canal de comunicação (falado x escrito), propósito etc.

Nos últimos anos, os estudos variacionistas sobre mudança de estilo têm divergido das abordagens iniciais e têm convergido, pelo menos de alguma forma, para abordagens utilizadas por etnógrafos, antropólogos, sociólogos etc. Já não é uma preocupação dos variacionistas investigar o padrão de variação estilística, considerando apenas um ou vários fatores sociais, mas, sim, uma variedade de fatores, que podem contribuir para a variação intrafalante.

Além disso, mais do que examinar a variação baseada em categorizações pré-estabelecidas da situação de fala como “casual”, “formal” ou “cuidada”, ou em categorias sociais como “classe média alta”/ “classe média baixa”, masculino/feminino, negro/branco, estão sendo realizadas investigações etnográficas, a fim de encontrar formas

que possibilitem categorizar a língua, a pessoa e o mundo (ECKERT, 2000; KIESLING, 1996; MENDOZA-DENTON, 1997). Vale acrescentar que as pesquisas variacionistas de estilo também estão se tornando mais amplas, focando outros traços, indo do fonológico e gramatical para o lexical e o pragmático/interacionoal (COUPLAND, 2001; SCHILLING-ESTES, 1999), também têm focado traços paralingüísticos como entonação (ARNOLD et al., 1993), elementos não lingüísticos de estilo, tais como “cabelo, roupas, maquiagem, posição do corpo, e uso do espaço (ECKERT, 2000).

Essas pesquisas têm chamado atenção para dois aspectos fundamentais: (1) os falantes não mudam o estilo meramente em reação a elementos da situação de fala (se formalidade ou audiência), eles são muito criativos em seu uso dos recursos estilísticos; (2) os falantes não estão apenas limitados a elementos da situação externa, eles usam sua fala para ajudar a estruturar e a reestruturar a situação externa, como também suas realações interpessoais, e, principalmente, suas identidades pessoais. Como podemos ver, são dois aspectos que fogem às propostas de Labov (1966) e Bell (1984), mas isso não invalida que a variação estilística ainda seja abordada sob tais perspectivas.

Devido à grande diversidade de tipos de variação empregados por falantes individuais, não é de se surpreender que os variacionistas tenham, por décadas, se debatido exatamente sobre o que deve estar relacionado à noção de variação estilística, como também a melhor forma de estudar este fenômeno abrangente. Contudo, devemos concordar que a variação intrafalante deve ter um importante papel no estudo da variação. Afinal de contas, a variação intrafalante é pervasiva, talvez mesmo universal, e nós não podemos esperar alcançar um entendimento pleno do padrão de variação da língua, ou de uma língua em geral, se não entendermos seu padrão dentro da fala dos indivíduos como também entre grupos de falantes. Mais, visto que a variação intrafalante repousa na interseção do individual e do comum (popular), um melhor entendimento de seus padrões levará a valiosos *insights* sobre

como as duas esferas se interrelacionam – isto é, como os indivíduos internalizam padrões linguísticos mais amplos na comunidade e como esses padrões são estruturados e reestruturados pelos indivíduos na interação conversacional do cotidiano.

As mudanças de estilo podem ser muito deliberadas e envolverem o uso autoconsciente de traços que o falante e a audiência são muito conscientes, ou podem ser inconscientes, envolvendo traços que as pessoas nem mesmo sabem que estão usando. Além disso, as mudanças podem ser muito rápidas, como quando um falante envolvido em uma pesquisa sociolinguística momentaneamente muda para um estilo mais vernacular durante uma breve conversação ao telefone; ou pode ser mais longa, como parte da rotina diária. Além disso, padrões de longo tempo de variação linguística podem vir a caracterizar uma pessoa ou um grupo em geral, de forma que podemos falar de estilo do indivíduo ou de vários estilos grupais. Finalmente, a variação intrafalante pode envolver qualquer nível de organização da língua, do fonológico e morfossintático ao lexical, semântico, pragmático e discursivo. Consequentemente, podemos falar de diferentes tipos de estilo, variando de um estilo formal, associado com níveis de uso mais altos de determinados traços fonológicos e morfossintáticos (frequentemente, mas nem sempre, aqueles associados com uma variedade padrão) para um estilo conversacional, isto é, os padrões interacionais mais amplos que caracterizam os discursos inteiros.

2. Abordagens sobre a variação estilística

Nesta seção, trataremos de três diferentes abordagens referentes à variação estilística. Vale ressaltar que elas não são excludentes. Ao contrário, buscam, progressivamente, avançar na busca pela compreensão desse aspecto que nem sempre tem merecido atenção dos estudiosos, talvez até pela sua complexidade, que é o estilo.

Inicialmente, apresentamos alguns aspectos da abordagem laboviana, pelo fato de ser a precursora. Em seguida, tratamos da abordagem de Alan Bell, e, por último, detemo-nos na proposta de Eckert, como representativa que é de uma nova perspectiva sobre a variação estilística.

2.1. Labov: estilo como atenção prestada à fala

permitem avaliar possíveis indícios de mudança na língua quando o estilo é alterado. Assim, ele esboça a entrevista sociolinguística de forma que possa obter do falante, tanto quanto possível, uma fala que vá da mais casual a mais formal.

Para Labov, a atenção prestada à fala está no centro da proposta. A fala casual é facilmente detectada em situações em que o falante não a esteja monitorando, como nas ruas, nos bares, na praia. O mesmo não acontece em uma situação de entrevista formal, que define um contexto de fala, onde, em geral, apenas um estilo ocorre, o estilo denominado de fala cuidada. Então, a metodologia utilizada para amenizar o grau de formalidade que, por si só, caracteriza a entrevista é decisiva.

Considerando a fala cuidada como o estilo mais simples de ser definido dentro de uma entrevista, Labov utiliza algumas estratégias: estilo de leitura, lista de palavras, pares mínimos. Todas estas estratégias implicam que o falante preste mais atenção à maneira como utiliza a língua. Para obter uma fala menos monitorada e mais casual, ele estabelece situações contextuais em que o falante possa estar menos atento a sua própria fala. Para isso, vale controlar aspectos como: fala com uma terceira pessoa, fala não relacionada às questões estabelecidas, questões voltadas para hábitos da infância e o mais conhecido “perigo de morte”. Nesses dois últimos casos, como podemos ver, o fundamental é o tópico; ao manipulá-lo, ele parte da hipótese de que alguns tópicos podem desviar a atenção do falante em relação à fala.

Segundo Rickford e Eckert (2001, p. 3), o estudo de Labov (1966) estabelece uma forte ligação entre o indivíduo e a comunidade – entre o linguístico, o cognitivo e o social. Ele demonstrou que o uso das

variáveis sociolinguísticas é estratificado socioeconomicamente, e que a variedade estilística de cada falante cobre um contínuo do uso na matriz socioeconômica. Ao colocar o prestígio na parte mais alta da hierarquia socioeconômica e o estigma na parte mais baixa, Labov caracterizou cada *continuum* estilístico do falante em relação a esses dois polos. Ele viu o prestígio da variedade do falante como o resultado da fala formal, cuidada, e o estigma como o resultado da fala casual, não monitorada. Portanto, a atividade estilística do falante estava diretamente ligada a sua posição na hierarquia socioeconômica e nas estratégias utilizadas.

Ainda para os autores, enquanto a noção de prestígio desempenha um importante papel no trabalho de Labov sobre estilo, é a atenção prestada à fala que ele coloca como foco, presumivelmente porque a atenção é o mecanismo cognitivo que liga o social aos fatores linguísticos.

Labov (2001, p. 87) afirma que a organização dos estilos contextuais ao longo do eixo da atenção prestada à fala não foi planejada como uma descrição de como a mudança de estilo é produzida e organizada no cotidiano, mas como uma forma de organizar e usar a variação intrafalante que ocorre na entrevista.

Com base nas entrevistas realizadas, Labov (2001) propõe um modelo arboreo constituído de oito critérios, com o objetivo de analisar a fala espontânea. Esses critérios se pautam em quatro contextos categorizados como “fala casual” e quatro como “fala cuidada”, em ordem decrescente de objetividade.

A análise das entrevistas permite que decisões sejam tomadas quanto ao estilo utilizado. Podem ser encaixadas no estilo casual as passagens que dizem respeito às narrativas, à participação de outras pessoas, a passagens que tratam da infância e passagens tangenciais. Para o estilo cuidado, são considerados: as respostas, questões que tratam de aviação da língua, opiniões generalizadas (soapbox) e os resíduos que não se encaixam em nenhum desses casos.

Inúmeras críticas são feitas à proposta de Labov. Aqui destacamos algumas delas:

- (a) dificuldade de se quantificar a atenção prestada à fala;
- (b) dificuldade operacional de separar a fala casual da fala cuidada a partir das situações contextuais;
- (c) caráter unidimensional da proposta, o que implica um continuum formalidade vs. Informalidade;
- (d) o falante é visto como passivo, alternando sua fala em resposta às mudanças na situação externa, mais do que creditando-lhes a capacidade de agenciar seu uso dos recursos estilísticos.

Sobre sua proposta, vale questionar: (a) será que esses estilos se aplicam fora do arcabouço da entrevista sociolinguística? (b) será que é a atenção prestada a fala o fator que opera nos estilos propostos por Labov como formais? (c) será que o falante tem consciência da mudança de estilo?

2.2. Proposta de Alan Bell: “audience design”

As décadas seguintes ao trabalho seminal de Labov, que apresenta uma proposta teórica e metodológica sobre estilo, presenciaram uma mudança de foco. Estudos voltados para a teoria da acomodação, principalmente os desenvolvidos por Howard Giles e colegas, procuraram mostrar, dentre outras coisas, a importante influência sobre o estilo da língua, condicionando-o à orientação do falante e à atitude em relação ao destinatário. Outros estudos avaliaram o efeito do destinatário e da “audiência” sobre a variação.

Alan Bell (1984) seguiu esses estudos, colocando a “audiência” como o centro da produção estilística.

Segundo Bell (1984, p. 158), qualquer modelo de mudança de estilo deve considerar que a variação intrafalante deriva e reproduz a variação entre falantes. A primeira é uma resposta à última. Para ele, apenas um único tipo de modelo pode satisfatoriamente considerar a mudança de estilo. Tal modelo, de acordo com o autor, é latente em muitos estudos

de variação e explícito em outras vertentes da sociolinguística, como na etnografia da comunicação.

A fim de justificar seu foco no ouvinte, Bell afirma que os sociolinguistas estão acostumados a correlacionar a dimensão social da variação linguística a características sociais mensuráveis de uma pessoa - o falante - como ‘classe social’, ‘idade’ etc. Porém, se a dimensão estilística é derivada da dimensão social, poderíamos também correlacionar a dimensão estilística aos atributos da pessoa. E, nesse caso, eles seriam os atributos, não do falante, mas do ouvinte. Com base nisso, ele afirma que sua proposta “audience design” é elegantemente simples.

Ela considera que o falante ao modelar a sua fala leva em conta o ouvinte, ou seja, a sua “audiência”, que é constituída não só do destinatário, a segunda pessoa, mas de outras terceiras pessoas. O destinatário, a segunda pessoa, é conhecido e ratificado, os demais não precisam ser, necessariamente ratificados. Os interlocutores que são conhecidos e ratificados, ele chama de “auditors”. Aqueles que o falante sabe que estão lá, mas que não são participantes ratificados, são os “overhearers”. Outros cuja presença é desconhecida são os “eavesdroppers”. De forma sintética, a audiência é assim composta:

- Addressee – ouvintes que são conhecidos, ratificados e “addressed”
- Auditor – ouvintes que não são diretamente “addressed”, mas que são conhecidos e ratificados
- Overhearer – ouvintes não ratificados, mas que o falante tem consciência
- Eavesdropper – ouvintes não ratificados e o falante não tem consciência

Esses quatro papéis da audiência estão implicacionalmente ordenados de acordo com o fato de eles serem ratificados e conhecidos, obedecendo a uma hierarquia, cada um tendo seu papel, que é atribuído pelo falante,

e seu grau de saliência para a modelagem do estilo do falante é relativo à distância do papel. Para Bell (1984), isto tem duas consequências relacionadas para a variação sociolingüística – uma qualitativa e outra quantitativa.

Do ponto de vista qualitativo, ele defende que há uma escala implicacional, segundo a qual uma variável mostrará variação segundo os papéis da audiência. Do ponto de vista quantitativo, sua hipótese é de que o efeito de cada papel sobre a variação lingüística é menor do que o efeito do papel mais próximo do falante.

Bell (1984) também vai defender em sua proposta que a influência aparente da mudança de tópico se deve à associação dos tópicos aos tipos de “audiência”. Uma vez que nem todas as mudanças estilísticas são respostas óbvias aos participantes presentes, ele defende que o efeito de grupos de referência ausentes, denominados por ele de “referees” é fundamental, e pode, sim, ter influência na variabilidade da língua, pelo fato de estarem presentes na mente do falante.

Para sua análise de estilo, Bell elenca uma série de princípios, transcritos a seguir:

- (1) Estilo é o que um falante individual faz com a língua em relação a outras pessoas. Com isto, fica claro que o estilo se focaliza na pessoa e é essencialmente algo social. Estilo é o reflexo da variação entre falantes, é interativo e ativo.
- (2) O Estilo deriva seu significado da associação dos traços lingüísticos com grupos sociais específicos. A avaliação do grupo é transferida para os traços lingüísticos associados ao grupo. Dessa forma, o estilo deriva da variação lingüística entre grupos, a partir da avaliação social. A avaliação está sempre associada com a mudança de estilo, e a mudança de estilo com a avaliação. Ele considera, portanto, que o significado social da variação lingüística entre grupos sociais é primário e que a

variação linguística é o uso secundário ou o desenvolvimento dessa variação.

- (3) O falante modela seu estilo principalmente por sua “audiência” e em resposta a ela. Este é o cerne da proposta “audience design”. Normalmente, o falante muda seu estilo para se acomodar ao da pessoa com quem está falando. Com isso, fica clara a relação entre essa proposta e a Teoria da Acomodação. A resposta é o modo primário da mudança de estilo, mas esta é uma responsividade ativa.
- (4) “Audience design” se aplica a todos os códigos e níveis de um repertório linguístico, monolíngue ou multilíngue. Além disso, “audience design” não se refere apenas à mudança de estilo, ela envolve outros traços, sejam eles estruturais ou não.
- (5) A variação na dimensão do estilo na fala de um só falante deriva da variação que existe entre falantes na dimensão social e a reproduz. Este princípio se refere às concepções convencionais da proposta variacionista. O estilo é visto como uma dimensão da variação separada da dimensão social.
- (6) Os falantes têm uma refinada habilidade para modelar seu estilo para uma variedade de destinatários, como também para outros membros da audiência. Para Bell, esta é a descoberta clássica do modelo da acomodação. O falante acomoda seu estilo de fala aos seus ouvintes, a fim de obter aprovação.
- (7) A mudança de estilo de acordo com o tópico ou com o ambiente deriva seu significado e direção da mudança da associação subjacente aos tópicos ou ambientes com membros típicos da audiência.

- (8) Bem como a dimensão responsiva do estilo, há a dimensão ‘iniciativa’, onde a própria mudança de estilo inicia uma mudança na situação, mais do que resultando de uma tal mudança.
- (9) As mudanças de estilo iniciativas são em essência “referee design”, pelo qual os traços linguísticos associados com um grupo de referência pode ser usado para expressar identificação com aquele grupo. Aqui há uma ligação ente estilo iniciativo e metafórico com a audiência. Os juízes são terceiras pessoas não usualmente presentes na interação, mas que são importantes para os falantes e capazes de influenciar seu estilo de falar, mesmo em sua ausência. O estilo, portanto, torna-se um problema de identificação com a potencialidade de grupos não presentes.
- (10) Pesquisa em estilo exige seus próprios modelos e metodologias. Isto tem a ver com o papel periférico que o estilo sempre tem assumido nas pesquisas variacionistas.

Finegan e Biber (1994, p. 339) creditam a Bell a explicação sobre a relação entre variação estilística e variação social, mas não a sistematicidade interna de cada categoria. Para eles, a explicação é funcional e defendem que “a variação social do dialeto depende da variação do registro, e a variação do registro é formada por restrições comunicativas inerentes a situações específicas”.

Onde Bell focalizou a audiência, Finegan e Biber focalizaram a *situação* mais ampla, e buscaram estabelecer uma ligação das próprias variáveis às situações em que elas eram usadas e, finalmente, à hierarquia socioeconômica. Eles começaram com o argumento de que variáveis estratificadas socialmente tendem a

envolver algum tipo de redução ou simplificação e que a complexidade da forma linguística se correlaciona com o status socioeconômico. Eles defendem que as formas lingüísticas mais complexas são usadas em situações mais “letradas”, como uma função, tanto das tarefas que estão sendo consideradas nessas situações como da falta relativa de contexto compartilhado. Eles, então, atribuem a estratificação social do uso da língua à estratificação do acesso a esses tipos de situação (RICKFORD E ECKERT, 2001, p. 4).

Para Rickford e Eckert (2001, p. 4), a proposta de Alan Bell não só introduziu uma visão coerente de mudança de estilo, mas também integrou uma variedade mais ampla de descobertas sociolinguísticas anteriormente díspares, e colocou novas generalizações e previsões teóricas testáveis sobre a relação entre a variação estilística e a social.

Tais ideias contribuíram para uma nova visão de estilo, e elas têm sido objeto dos estudos de variação. Eckert (2000) e outros têm explorado o papel da variação na construção ativa dos estilos pessoais e de grupos, vendo as variáveis individuais como recursos que podem funcionar na construção de novas personalidades.

Sobre a proposta de Bell (1984), reproduzindo o que a literature afirma, podemos dizer que: (a) é um modelo que mantém a dimensão responsiva ainda muito forte, apesar de também prever a dimensão iniciativa do falante; (b) como a proposta laboviana, é também unidimensional, com preocupação fundamental na audiência.

2.3. Penelope Eckert: comunidade de práticas

Diferentes dos modelos anteriores, a proposta de Eckert (2000, 2005) se baseia em uma abordagem construcionista social, assim como as de Coupland (1985, 2007); Mendonza-Denton (1997); Schilling-Estes (1998, 1999). Nessa concepção, a língua e a sociedade são vistas

como co-constitutivas: os traços linguísticos e os padrões de uso dos falantes não são meras reflexões da identidade estática, como definida nos primeiros estudos.

Para Eckert, os estudos variacionistas, ao longo dos anos, podem ser vistos como verdadeiras ondas. Assim pensando, ela os reúne em três ondas.

Os primeiros deles, ou seja a primeira onda, usa o modelo quantitativo para examinar a relação entre variabilidade linguística e restrições sociais, a exemplo de sexo, idade, classe social, etnia.

O foco nesses estudos está em capturar o vernáculo, procurando encontrar os padrões na fala não consciente e também a fonte da mudança linguística regular.

De forma sintética, a primeira onda assim se caracteriza:

- estudo de comunidades geograficamente definidas;
- hierarquia socioeconômica como um mapa do espaço social;
- variáveis como marcadores de categorias sociais primárias, conduzindo traços de prestígio/estigma;
- estilo como atenção prestada à fala, e controlado por orientação relativa ao prestígio/estigma.

Neste estudo, os dados coletados na Paraíba (VALPB) refletem esse momento que Eckert denomina de primeira onda.

Outro momento que norteia os estudos sociolinguísticos diz respeito ao que foi denominado de “segunda onda” (Eckert, 2005), caracterizado pelos estudos etnográficos. Estes têm como foco comunidades menores e objetivam identificar categorias sociais que são salientes na comunidade. Os estudos etnográficos mostraram como as formas de falar estão carregadas com o significado local.

A segunda onda, para Eckert, estabeleceu uma conexão com a primeira onda e a dinâmica local, e assim se caracteriza:

- estudos etnográficos de comunidades definidas geograficamente;
- categorias locais como links para as demográficas;
- variáveis como categorias de indexação localmente definidas;
- estilo como atos de afiliação.

A “terceira onda” focaliza o significado social das variáveis. Ela vê o estilo, mais do que as variáveis, como associado diretamente às categorias identitárias, e explora as contribuições das variáveis para os estilos. Assim, ela parte da abordagem baseada no falar das duas primeiras ondas, e vê as variáveis como localizadas em comunidades de práticas. Uma comunidade de prática, segundo Eckert (2005, p. 16) é um agregado de pessoas que, reunidas de forma regular, se engajam em alguma iniciativa (uma família, uma classe linguística, um time esportivo, mesmo uma pequena vila). Ao longo do engajamento, a comunidade de prática desenvolve práticas. E essas práticas envolvem a construção de uma orientação compartilhada para o mundo ao seu redor – uma definição tácita delas mesmas em relação ao outro, e em relação a outras comunidades de prática.

Para a autora, o indivíduo não existe isolado da matriz social, mas a ela está ligado através de formas estruturadas de engajamento. O indivíduo constrói uma identidade – um sentido de lugar no mundo social – equilibrando a participação em diferentes comunidades de prática, e em formas de participação em cada uma dessas comunidades. E a chave para este processo inteiro de construção é a prática estilística.

Até agora, nos estudos de variação, o estilo tem sido tratado como ajustamentos situacionais do falante no uso de variáveis individuais. O outro lado do estilo é como os falantes combinam variáveis para criar formas distintivas de falar. Estas formas de falar são uma chave para a produção das *personae*, e as *personae*, por sua vez, são tipos sociais particulares que se localizam de forma explícita na ordem social. Ao estudar indivíduos, geralmente, os linguistas se impacientam. No entanto,

os indivíduos constituem algo muito importante sobre os quais temos que aprender, e só na comunidade de prática é que se pode entender sua prática individual. Por sua vez, o estudo etnográfico que busca fornecer explicações para padrões de variação maiores deve selecionar comunidades de prática que são de grande valor para esses padrões.

Uma vez que a “terceira onda” toma o significado social como primário, ela examina não só as variáveis que são de interesse primário para os linguistas, mas qualquer material linguístico que sirva como um propósito social/estilístico. E, na mudança, ela desloca o foco das categorias do falante para a construção da *persona*.

Quando pensamos sobre a relação entre variação e grupos sociais, geralmente não são identificadas variáveis individuais. O significado da variação está em seu papel na construção dos estilos, e estudar o papel da variação na prática estilística envolve não simplesmente localizar variáveis nos estilos, mas em entender esta localização como uma parte integral da construção do significado social.

A terceira onda, então, leva o estudo da variação para uma nova direção. Mais do que definir a variação em termos dos falantes que usam as variáveis, ela busca os significados que motivam desempenhos particulares.

A terceira onde pode ser assim caracterizada:

- estudos etnográficos das práticas das comunidades;
- categorias locais resultantes da construção de estâncias comuns;
- indexação de variáveis a estâncias, atividades, características;
- estilo como construção da *persona*.

A proposta de Eckert é estudar o papel da variação na prática estilística. Isto envolve não simplesmente localizar as variáveis nos estilos, mas em entender esta localização como uma parte integral da construção do significado social. Isto tem várias implicações para sua

visão de variação. Primeiro, as variáveis não se associam a um estilo com um significado fixo, específico, mas assume o significado no processo de construção do estilo. Isso leva a um segundo ponto: o estilo (como a língua) não é uma coisa, mas uma prática. Ele é a atividade em que as pessoas criam o significado social, o estilo é a manifestação visível do significado social.

3. Análise e discussão dos dados

No Brasil, os vários projetos de base sociolinguística nunca deram atenção às restrições estilísticas, sempre favoreceram as restrições estruturais e sociais.

Apesar de não ter como objetivo estudos de cunho puramente variacionista, o Projeto NURC foi um dos poucos que, na sua concepção e implementação, contemplou possíveis estilos. Suas gravações foram divididas em quatro tipos:

- 1º - Diálogo espontâneo (GS): 40 horas (10%);
- 2º - Diálogo entre dois informantes (D2): 160 horas (40%);
- 3º - Diálogo entre o informante e o documentador (DID): 160 horas (40%);
- 4º - Elocuções Formais (EF): 40 horas (10%).
- Fonte: <http://www.fflch.usp.br/dlcv/nurc/>

Como podemos perceber, fica clara a diferença entre os estilos casual e cuidado. Desconhecemos, entretanto, estudos decorrentes dessa classificação que tenham avaliado como o estilo pode ter influenciado esta ou aquela variação.

Outros Projetos, como PEUL, VARSUL, VALPB, ALIP, não consideram, em sua coleta de dados, diferenças estilísticas, mas elas podem ser detectadas a partir das entrevistas, que contemplam aspectos formais e casuais, seguindo a proposta de Labov (1966).

No caso específico do VALPB, podemos encontrar questões que contemplam o que Labov (2001) propõe em seu modelo arbóreo. Temos as modalidades de uso formal e também casual. Resta saber se, para o falante, ao longo da entrevista, são percebidas as variações estilísticas.

3.1. Sobre a palatalização das oclusivas dentais

Para este trabalho, utilizamos os dados do VALPB, elegendo quatro informantes, sendo dois do sexo masculino e dois do sexo feminino, estratificados quanto à escolaridade. Dessa forma, temos dois com mais de onze anos de escolarização e dois com nenhum ano de escolarização. Da entrevista, selecionamos duas passagens: uma que contempla o estilo formal, falando acerca da “língua”, e outra, o casual, tratando de questões de caráter bem pessoal. Com isso, pretendemos, em um primeiro momento, ver se a palatalização das oclusivas dentais ocorre variavelmente de acordo com o estilo suposto. É de se esperar que, ao ir do estilo casual para o formal, o falante alterne as variantes dentais [t,d] para [tʃ,dʒ]. Em um segundo momento, interessa avaliar se o falante tem consciência da variação que envolve essa variável.

Labov entende que a variação linguística pode ser detectada quando as pessoas falam ‘menos cuidadosamente’ em alguns pontos da entrevista mais do que em outros pontos. Quando elas estão mais relaxadas, elas utilizarão traços do vernacular com maior frequência.

O primeiro informante é do sexo feminino, tem mais de onze anos de escolarização e está na faixa etária de 15 a 25 anos. Ela não apresenta nenhuma oscilação quanto ao uso das oclusivas dentais.

Esperávamos que ao falar sobre o uso da língua, o que na perspectiva de Labov representa o estilo formal, ela se policiasse para usar a forma palatalizada, uma vez que essa está relacionada ao padrão nacional.

Assim, no Excerto 1, transcrito a seguir, todos os ambientes favoráveis à palatalização, a exemplo de “diferente”, “norte”, “tipo”, “diariamente”, “corretamente”, “depende” etc., não foram considerados, e a realização dental foi categórica.

Excerto 1: Estilo Formal

E*² Você fala diferente?

I* Como assim diferente?

E* Diferente do pessoal do sul do país do norte do país?

I* Eu Eu acho que eu falo [dif-] eu acho que eu falo a a língua que é do do do meu da do meu estado, né? Que é o é seø paraibana, se eu falo diferente eu algumas coisaø que eu falo diferente, mas eu não sei o que é alguma algum algumas rimas que eu falo diferente algum algum tipo assim de palavra que eu sempre falo diariamente.

E* O que você acha da sua forma de falar?

I* O que é que eu acho da minha forma de falaø? Eu acho que eu falo corretamente apesaø que eu às vezeø erro erro um pouco sabe? Mas no início é erraø é humano, né? Nós não somos perfeitos em nada.

E* Você acha que fala diferente das outras pessoas?

I* Se eu falo diferente das outras pessoas? Depende se foø se foø as pessoas que com quem eu convivo eu acho que eu falo igual as pessoas com quem eu convivo, se foø pessoas de alta sociedade. Se foø pessoas de alta sociedade então é, são pessoas bem se foø, (hes) pelo menos na no na minha na no meu estado eu falo, as pessoas a a com quem eu convivo eu falo de acordo com elas, agora de outros de outros de outros estados eu acho que eu falo diferente, porque eu já eu já fui em um estado que eu falei diferente a o sotaque é diferente, as palavras, puxa muito o “T” com com o “H”, eu falo diferente, ela fala de outro eles eles acham interessante, eu acho também interessante, tem uns que mangam, outros que não, aceita. Infelizmente, o pessoal num aceita o sotaque de outro, né? Até aqui também na Paraíba existe isso, mays eu não ligo pra essas coisaø não.

²E* refere-se ao Entrevistador e I* ao Informante.

E* Você acha que todos os Brasileiros falam diferente?

I* Fala. Cada um tem uma maneira de se falaø, né? Eu acho que você tem que aceitaø a maneira de cada um tem que se falaø. Se o carioca fala dum dum jeito, o paulista fala de outro, o Gaúcho já fala de outro, o paraibano já fala de outro, o pessoal, o Brasil em si, né? Os Paulistas, os os cariocas achaø que o Paraibano é... são as pessoas que falam mais erradas, diferentes mays, mais erradas eu não acredito nisso, se eles viessem pra cá, eles se acostumavam com as com o sotaque daqui e iam gostaø e iam deixaø de falaø carioca, mays eu respeito todos os sotaques, as palavras das pessoas.

Interessante observar que a informante tem consciência de que a oclusiva dental existente em outras comunidades sofre mudança, o que a diferente da sua. Para ela, a palatalização é representada quando se usa um “t” seguido de um “h”.

A informante também tem consciência de que, no Brasil, temos uma variedade de falares que marca as diferenças regionais. O sotaque para ela não é algo que deva ser considerado errado, pois ele caracteriza as diferentes comunidades.

A mesma informante não altera o uso das oclusivas dentais quando utiliza o estilo considerado casual.

Excerto 2: Estilo casual

E* Numa situação dessa (hes) você já esteve alguma vez em uma situação em que tivesse dito, estivesse correndo sério perigo de vida, sério perigo de vida e tenha dito “chegou a minha hora”?

I* Já ocorreu. Foi no dia que eu fui assaltada um cara botou (risos) uma faca em cima de mim e eu disse pronto chegou minha hora, quando ele botou aquela faca em cima de mim eu já vi meu caixão ali pronto, mays Graças a Deus. Eu eu deveria teø confiado em Jesus, mays não confiei, mays ele ele achou que eu não [devi-] não era minha hora de morreø ainda e me salvou desse desse lamentável acidente.

E* Numa situação dessa algumas pessoas dizem: “Seja o que Deus quiser”. O que você acha disso?

I* O que que eu acho do que dessa palavra, dessa frase “Seja o que Deus quiseø”. Se ela disse seja o que Deus quiseø, pelo que ela vai agiø, se ela achaø que é [cor-] que é correø então é isso que ela acha que é correø, eu acho que Deus apesaø de tudo tá ali ajudando ela né? Mays às vezes as pessoas acham seja o que Deus quiseø em vão, não acredita em Deus, então acho quando ela diz “Seja o que Deus” se foø uma pessoa que confia em Deus. Reza reza todos os días é... Fala com ele é... pede a nas horas mais difíceis, [rez-] fayz as suas orações, seus pedidos, eu acho que essa pessoa quando diz “Seja o que Deus quiseø” ela tá seguro que tá dizenø e sempre Deus ajuda, agora se foø uma pessoa que joga o nome de Deus em vão então essa pessoa não vai se saiø bem de uma situação dessa, né?

Neste Excerto, que corresponde ao que Labov denominou de “Perigo de morte”, a informante fala de suas experiências pessoais em frente a uma situação de perigo. Com isso, a tensão em relação ao uso da língua é bastante minimizada devido ao envolvimento com a própria narrativa.

Palavras como “dia”, “disse”, “acidente”, “acredita”, “difíceis”, “pedidos” etc. são todas realizadas sem o uso da palatalização das oclusivas dentais [t,d].

O segundo informante é do sexo feminino, está na faixa etária entre 15 a 25 anos e nunca foi escolarizada. Apesar disso, ela tem consciência de que pessoas de diferentes regiões falam diferentemente.

Excerto 1: Estilo formal

E* Você acha que fala diferente das pessoas de João Pessoa?

I* Se eu acho se eu falo diferente?

E* Hum, hum?

I* Sabe que eu nem reparei (risos). Eu num reparo pøa isso não. Eu acho bonito o povo que fala pøa aqueles ladoø lá de baixo, né? Que o povo chama é, o Riø de Janeiro; que tem aquele povo mesmo, gaúcho, né? Que nasceu em em Porto Alegre, né? Aqueles. Acho muito bonito

mayø + eu num ligo, não. Num tenho nada contra [minha] meu jeito de falar, não.

E* Hum, hum. E você acha que todos os brasileiros falam do mesmo jeito?

I* Ah, fala nada! É como eu tô lhe dizenø, né? O povo do Rio de Janeiro fala carioca, o povo lá de Poøto Alegre, o povo que diø que é gaúcho, né? E eles falaø assim meio atrapalhado. O povo de interiorø, Ave-Maria! É a maiø vergonha, todo mundo sabe. É aqueles negócioø assim bem puxado, né? O povo de Recife, o povo diø que é meio choroso. Não, mas quem fala mais feio é baiano, ô povinho que fala feio, viu? Aquele é triste! E fala um negócio assim meio, parece que tá assim meio, tudo cheio [de] dessas coisaø que o povo fuma agora, né? Maconha, esses negócioø. O povo fica assim, meio assim, doidão. Eu acho engraçado. Até os cantoø mesmo, né? E olhe que eu escuto muito ráydo, aí, as músicaø quando toca, aí as voz dele é tudo diferente da do povo. Acho é engraçado.

E* Você conhece alguém que fala diferente de você?

I* A minha patroa, que ela num é daqui, não minha patroa. Ela é de Minas. Ela fala muito “UAI”, tudo dela é “UAI”, tem hora que enche, sabe? Mas a gente num pode dizeø nada, né? E tem umas muléø lá da rua também fala diferente, só porque foi pøo Rio de Janeiro, passou dois mês, aí chegou falanø carioca. Chegou assopranø, quem já se viu isso? Se pelo menos tivesse passado cinco anoø, oito anoø, mayø não. Vai, passou dois mês lá na favela e veio assopranø pøo lado da gente ,é um povo besta!

A informante tem consciência de que há traços que diferenciam os falares, tais traços vão de marcadores discursivos, como o “uai” dos mineiros, a traços prosódicos, como quando se refere ao falar das pessoas de Recife e da Bahia. Quando se refere ao falar do Rio de Janeiro, menciona algo bastante interessante. Embora não utilize a terminologia adequada, ela tem consciência de que a palatalização das fricativas é uma marca dessa comunidade. Esse processo é identificado como “assoprano”.

Em relação ao uso das oclusivas dentais, mesmo em ambientes que favoreceriam a aplicação da regra de palatalização, como “diferente”, “dizeno”, “di”, “triste”, “gente”, “tivesse” etc., a variação não se dá. A preferência é sempre pela forma dental.

O mesmo vai ocorrer quando passa para o estilo casual, como no Excerto 2.

Excerto 1: Estilo casual

E* Você já esteve em uma situação difícil que precisou da ajuda de alguém?

I* Já.

E* Como foi?

I* Foi lá na casa da minha patroa. O: bujão de gás, né? Eu fui trocãø aí eu sei lá o que foi que eu mexi lá errado que. É, logo quando eu + comecei a trabalhãø. Aí o bujão lá, né? Faltou o gás, tava a panela no fogo, a panela de pressão, né? Tava nesse dia eu tava fazenøo uma fava. Ela ia chamaø uns amigoø dela pøa lá, né, tudinho pøa comeø, quando veø faltou o gás, aí eu fui veø se eu trocava, né? Tirei o bujão acabado e peguei o cheio, mayø eu num sei num sei se foi a rosca [do] + da mangueira do bujão, né? Eu num sei como é que chama aquilo, sei lá o que foi que deu na na rosca! Eu sei que começou a saiø aquele catingão por dentøo de casa e começou a fazeø aquele barúi, né? aquele “xiii”! Eu sai danada gritanøo, chamei a muléø assim da casa vizinha, aí a muléø correu, aí “Abra a janela! Abra a janela!” pøo gás saiø, né? Vai que qualqueø coisa ali dava o maior incêndio. Aí eu peguei corri pro meio da rua, fiquei gritando, chamandøo os homeø, né? Pøa veø se parava alguém pra ajudarø a gente; e a muléø lá dentøo sozinha! Eu, com um medo danado, deixei a muléø lá. Quando veø, num sei se você já passou ali num tem o quartel? Aí fica os guardaø, né? Passanøo.

Palavras como “dia”, “tudinho”, “tirei”, “catingão”, “gente” não sofrem aplicação da regra de palatalização.

Comparando a fala dos informantes do sexo femininos, observamos que, no que concerne ao uso das oclusivas dentais e as diferenças de estilo, não há o que assinalarmos, uma vez que, na passagem do estilo formal para o casual, não há implementação da regra considerada padrão nacional, mesmo que dela tenha consciência a falante com mais de onze anos de escolarização.

A partir dos excertos selecionados aleatoriamente, retomamos uma de nossas questões: sera que os falantes têm consciência de que estariam diante de estilos diferenciados, o primeiro como formal e o segundo como casual? Nossa resposta à pergunta é não. A avaliação da mudança de estilo, nesse caso, é percebida apenas pelo pesquisador.

Vejam, a seguir, como se comportam os informantes do sexo masculino.

O primeiro deles tem mais de onze anos de escolarização e está na faixa etária correspondente a mais de 50 anos.

Excertos selecionados têm as mesmas características daqueles selecionados para os informantes do sexo feminino.

No que concerne à aplicação da regra de palatalização, o informante não a aplica em nenhum momento, mesmo quando o ambiente é favorável, como em casos do tipo “exigente”, “de”, “diz”, “dizer”, “tipo”, “ambiente” etc. O fato de estar usando um estilo considerado formal não interfere no uso.

Excerto 1: Estilo Formal

E* O que você acha da sua forma de falar?

I* A minha forma de falar é tão simples, moça. Eu não gosto de complicar as coisas não. Eu gosto de falar as coisas que vêm de dentro. Agora, pra escrever eu sou mais exigente comigo mesmo, eu sou mais mais caprichoso. Mas pra falar eu eu eu falo assim simples, às vezes eu falo até até como se chama, gíria. Eu falo gíria, vício de linguagem eu uso. Porque quando eu tô, às vezes num determinado setor que eu vejo, que a pessoa diz uma palavra, que é a palavra, que eu [conhe] que eu vejo mais é que diz assim: “Ai, essa coisa tá tão rim!”. Rim, eu acho que rim

(gaguejo) é esse órgão que a gente tem né? Mas ninguém sabe aprender dizer ruim. Mas se eu quiser dizer na hora, eu digo é [rui] eu aí eu paro. Aí eu tenho que dizer rim também. Quer dizer é esse tipo de coisas. Que eu conheço muitas palavras e que eu não uso, a não ser que eu esteja dentro dum dum setor seletor, que peça, que exija, aí eu falo do jeito que o ambiente me permitir. Mas se não for isso eu não falo comumente. Acho que você vai ver na entrevista como eu falo, né?

Se deixarmos de considerar a proposta laboviana para a variação estilística, observamos nesse excerto que a fala do informante se encaixa tanto na proposta de Bell (1984) quanto na proposta de Eckert (2000). Ele tem consciência de que pode alterar sua forma de falar de acordo com o ambiente. Ou seja, de acordo com a audiência, o que também pode ser entendida como uma possível comunidade de prática.

Essa flexibilidade consciente, ao contrário do que vimos anteriormente com as falantes do sexo feminino, denota que o falante tem domínio sobre a variação estilística.

Ao mudarmos do estilo formal para o casual, não houve alteração quanto ao uso das oclusivas dentais, uma vez que a regra de palatalização não foi aplicada.

Excerto 2: Estilo casual

E* Você já perdeu alguém muito querido?

I* Já.

E* Como foi?

I* Dentro de dentro de um mês eu perdi duas pessoas queridas. Primeiramente, perdi meu pai em Setembro, vinte e um de setembro de oitenta e quatro. Meu pai foi fazer uma operação, ela já com oitenta e três anos e faleceu. Quando foi em outubro, vinte e um, a minha esposa já tava hospitalizada no Prontocor. Perdi também esposa. E com seis meses eu perdi um irmão, que era fotógrafo lá do IPEP; trabalhava no IPEP, naquele setor de raio X. Mas meu irmão morreu de graça, porque ele não se protegia. Ele batia na radiografia, mas não se protegia com aquele com aquele colete de de chumbo. Foi as três pessoas que que [ain]

hoje ainda tenho memórias deles. Ainda e a gente ainda chora, às vezes [ain] nas horas vagas nós chora por eles. Dez anos, né?\

Palavras como “perdi”, “primeiramente”, “vinte”, “batia” etc. têm sempre as oclusivas dentais realizadas como tais, sem aplicação da regra de palatalização. Isto nos leva a crer que, para o informante, a mudança de estilo não é percebida ou que o fenômeno linguístico controlado lhe é indiferente, podendo, assim, estar abaixo do nível de consciência.

O segundo informante não é escolarizado e está na faixa etária de 15 a 25 anos.

Pelo excerto selecionado, classificado como estilo formal, constatamos que, em palavras como “diferente” e “educadamente”, não foi aplicada a regra de palatalização.

Fica evidente pelo excerto, que o falante não tem consciência de qualquer aspecto segmental que identifique os falares brasileiros, como aconteceu com os falantes anteriores. A sua concepção de falar bem está atrelado à forma educada de falar. Sua avaliação, pois, está ligada a questões mais estéticas do que de qualquer outra ordem.

Excerto 1: estilo formal

E* Você acha que fala diferente das outras pessoas daquele de João Pessoa?

I* Que eu falo diferente? Eu mesmo não. Num acho não.

E* E do resto dos brasileiros, você fala diferente?

I* Não. É mais mesmo fica falando do que fica senão mudo, fica calado.

E* O que você mudaria no seu jeito de falar?

I* Eu? Eu num + num mudaria nada. Minha voz é bonita, eu acho minha voz bonita + só.

E* Todos os brasileiros falam do mesmo jeito?

I* Fala. Fala, eu acho que fala. Fala, brasileiro é brasileiro.

E* Você conhece alguém que fala diferente de você?

I* Não, ah. ah.

E* O que é falar bem para você?

I* Fala0 bem? Fala0 bem é a pessoa fala0 direito cum as pessoa0, fala0 bonito. Fala0 educadamente.

O mesmo comportamento podemos constatar no Excerto 2 em palavras como “tinha”, “sete”, “gente” etc.

Excerto 2: estilo casual

E* Como foi a sua infância?

I* Infância? Eu comecei logo quan0o eu, parece que eu tinha uns + sete ano0. Eu comecei logo lavan0 carro, é: vô0 dize0 logo p0á você aqui, que isso vai fica0 só prá gente me0mo + rô0bei um pô0quinho, ali no Centro Administrativo, ali sabe? E agora tô nisso. Comecei a trabalhá0.

E* Que brincadeiras você mais gostava na infância?

I* Futebol.

E* E que estória você mais gostava de ô0vir? Contar estória de: que pessoal mais velho contava?

I* Ah! Era de umas vaca0, umas vaca0 que tinha0 lá, umas vaca0 + umas vaca0 que tinha uns bezerro0. Fay0 tanto tempo, may0 era uma coisa de uma vaca aí que tinha uns bezerro0 aí de repente + o bode queria também mama0 na vaca aí aconteceu um bocado de coisa aí, may0 fay0 tanto tempo.

E* Conte alguma aventura da sua infância.

I* Ah! Foi quan0o eu rô0bei a prime0ra vez. Le:vei uma carre0ra + Foru0 me de0xa0 quase em casa, a polícia ainda deu umas pancada0 em mim, sabe, porque eu me0mo, eu me0mo cheguei cheguei, aí a senhora + vô0 dize0 mai0 como foi. Eu cheguei, a senhora tava passan0o, eu fui e peguei a bolsa dela, saí corren0o. Aí o policial + sairu0 corren0o atray0 de mim, meteu o cacete na minha boca que quebro0 meu dente. Aí: foi a pió0 aventura. Pió0 aventura que eu [tamb] passei foi essa.

Considerando o processo de palatalização das oclusivas dentais entre os informantes selecionados, constatamos que ele não é aplicado por nenhum deles, o que significa que o uso da variante detal é categórico.

Assim, a mudança de estilo, no moldes labovianos, não condiciona a aplicação da regra.

Dos quatro falantes avaliados, apenas um, o informante do sexo feminino e com mais anos de escolarização, demonstra ter consciência de que a palatalização das oclusivas dentais é um traço diferenciador de falares. Os demais não demonstram ter consciência dos possíveis usos presentes na comunidade.

Retomando as hipóteses formuladas na Introdução, um dos falantes, aquele do sexo masculino e com mais anos de escolarização ratifica, em parte, a hipótese de que a mudança de estilo do falante não está condicionada aos elementos da situação de fala, mas ao uso de seus próprios recursos estilísticos. Ele tem consciência de que a formalidade e a audiência podem moldar a sua maneira de falar, e, além disso, usa seus recursos variáveis dependendo do ambiente em que esteja. Dessa forma, ele também ratifica a segunda hipótese, quando usa sua fala para marcar sua identidade.

Quanto a essa segunda hipótese, além deste último informante, também os informantes do sexo feminino a ratificam. As duas falantes marcam suas identidades usando suas maneiras de falar características de uma determinada comunidade.

Em relação à terceira hipótese, aquela que diz respeito à consciência correlacionada aos anos de escolarização, em parte ela é ratificada, uma vez que dos quatro informantes, três demonstram ter essa consciência.

O que concluímos em relação à análise do processo de palatalização das oclusivas dentais é que, embora estejamos diante de uma regra que se aplica em boa parte do território brasileiro, ela pode ainda estar abaixo do nível de consciência dos informantes na comunidade paraibana. Também abaixo do nível de consciência pode estar a variação estilística, se a considerarmos apenas na perspectiva laboviana.

Não podemos deixar de frisar que os aspectos contextuais e situacionais podem ter uma forte influência na seleção do uso, como bem demonstra o segundo informante, que utiliza a língua para construir a sua identidade.

3.2 Sobre o uso do rótico

Para análise do rótico, utilizamos dados de quatro paraibanos residentes em São Paulo há mais de cinco anos. Desses, dois são do sexo masculino e dois do sexo feminino. A idade varia entre 36 e 52 anos. Dos quatro, dois têm Curso Fundamental Incompleto (um do sexo feminino) e outro do sexo masculino). Dos outros dois, o do sexo masculino tem o segundo grau completo e o do sexo feminino tem Curso Superior completo. A ideia é opor os que têm mais anos de escolarização aos que têm menos anos.

Como em relação ao uso das oclusivas dentais, selecionamos excertos caracterizados de acordo com a abordagem laboviana sobre estilo, classificando-os como casual e formal. Os referentes ao estilo casual tratam de situações cotidianas, e os referentes ao estilo formal dizem respeito ao uso da língua.

A esses dados aplicamos os mesmo pressupostos utilizados em relação às oclusivas dentais, buscando responder às perguntas formuladas na Introdução e testar as hipóteses que ali se encontram.

O primeiro informante é do sexo masculino, tem 36 anos e concluiu os segundo grau. Vive em São Paulo há 23 anos.

Uma avaliação geral dos excertos selecionados nos permitem concluir que ele não altera o uso do rótico, substituindo a forma aspirada, marca do falar paraibano, pelo tepe, marca do falar paulistano. Independentemente de o estilo ser casual ou formal, seu uso é categórico. Isto nos leva a concluir que, pelo menos em relação ao rótico, não se deu ainda um processo de acomodação.

Excerto 1: estilo casual

Doc³ – O que te fez vir pra cá?

Inf – Olha, eu, eu tinha um sonho bobo de criança, assim, era criado pelo meus avós, e... no sítio aonde não tinha luz, a luz era lampião, fogo

³ Nas entrevistas dos paraibanos residentes em São Paulo, “Doc” corresponde a documentador e “Inf” corresponde a informante.

de conzinhar era fogo a lenha, essas coisas assim né, e o meu maior sonho era possuir uma televisão, o qual eu lembro até uma uma coisa que... tinha uns vizinho... uns vizinho mais ou menos uns quinze vinte quilômetro dali, de distância, que a gente ia lá pra gente assistir, só que o dono não gostava muito que era muita criança (es)tava indo querendo assistir, então ele colocava a gente pra fora e a gente ficava disputando a fresta da da porta, nem sei eu tinha o que, uns sete ano por aí, então era aquela brigaiada da molecada, imagina só aqueles moleque tudo brigando pelo um burquinho, pa cada um assistir um pouquinho, e isso o cara abria a porta, corria atrás da gente, era uma loucura, então eu fui crescendo e a minha imaginação era de um dia possuir uma televisão pra mim sozinho. Então, quando o os meus pais morando aqui éh... éh... fez um convite pra mim passar umas férias aqui, eu vim no intuito de... trabalhar, de comprar essa televisão e de ir embora de volta né, que meus meus avós (es)tava lá, eu era acostumado a morar com eles, então eu vim e realmente eu comprei a televisão, mas nesse meio-termo foi aonde faleceu o meus avós e então eu não tive mais... éh gosto de voltar a morar lá.

Palavras como “porta”, que aparece duas vezes, e “termo” são realizadas com o rótico aspirado. O mesmo acontece com a realização de palavras como “forma”, “vergonha”, “conversando”, “participar” que estão presentes no Excerto 2 relativo ao estilo formal.

Excerto 2: estilo formal

Doc – Quando você conversa com alguém (vo)cê presta atenção no jeito que a pessoa fala?

Inf – Sim, sim. Eu aprendi muito aqui na na Letras, porque assim, você, como eu te falei, tem uma variação linguística que você trabalha na, sa/ trabalhei em obras, trabalhei de auxiliar no no Mappin, então, tudo tem uma forma de de expressão, e quando eu trabalhei na Letra, na, aqui na USP, a variação ela ela é totalmente mais consistente, mais correta, então nesse ponto aí, eu, toda vez eu fui atencioso, mas aqui... eu sou mais.

Doc – E conversar com professores também, né.

Inf – Exatamente, mas aí aquela coisa, éh você... que tem aquela, a a minha variação em casa é uma e aqui é outra, mas você chega uma hora que você tem que falar... a tua, do do teu jeito, desde que seja correto, né. Que é claro, tem, conhece palavras que significa várias palavras, então é o seguinte, eu falo do meu jeito desde que seja correto, claro dou uma pensadinha e falo o o correto, e não tenho vergonha, o eu antigamente eu tinha, sentar assim (es)ta(r) conversando com você, com algum professor, e o que me ajudou foi participar dessas comissão, dessas coisa, ter chefe de de, da todas as áreas (tosse). Então, éh, outro sotaque, então você vai, (vo)cê vai prestando atenção e isso eu tenho melhorado muito a forma de de, sabe, de lingüisticamente (es)ta(r) conversando entre professores, às vezes, assim em casa eu (es)to(u) conversando, olha “mas que é isso que (vo)cê (es)tá falando?” (...), assim, aí eu volto (tosse), mas é muito bom isso.

Se observarmos o excerto 2, o falante assume que, em ambientes diferenciados, utiliza a língua também de forma diferente. Isso respalda tanto a proposta de Bell (1984) quanto a de Exckert (2000). Seu ambiente de trabalho e sua casa constituem duas comunidades de práticas diferentes, e, por sua vez, seus destinatários também o são.

A sua alternância não está, podemos inferir, vinculada a aspectos segmentais, mas, principalmente, a aspectos lexicais, considerando que seus familiares não devem ter o domínio do mesmo léxico que ele emprega quando está no ambiente de trabalho.

Algo também interessante a acrescentar é o fato de o informante ter consciência de que aqueles que o rodeiam no ambiente de trabalho têm sotaque diferente do seu, e ele o avalia positivamente, o que pode conduzir a uma possível mudança futuramente.

O segundo informante, também do sexo masculino, tem 30 anos, possui o Curso Fundamental Incompleto e reside em São Paulo há quinze anos.

Diferente do informante anterior, ele alterna o uso do rótico, tanto no estilo casual, em palavras como “verdade”, “porque”, “irmão”, “divergência”, como no estilo formal, a exemplo de palavras como “porque”, “firma”, “argentino”, nordestina”. Para esse mereceria uma avaliação quantitativa, o que não fizemos.

Excerto 1: estilo casual

Inf: É, na verdade a minha vida na Paraíba ela foi um pouco meio complexa né, porque a minha mãe teve um... eu fora do casamento dela e foi o último filho dela, então isso criou tipo uma... como se diz(0) assim uma rejeição pelos outros irmão por não ser do mesmo pai e da mesma mãe

Doc: Ahã

Inf: E nesse meio tempo a gente... o meu pai também não quis saber de mim, minha mãe também não desamparou, aí eu fiquei com a minha mãe até os quinze e desde os nove saí pra trabalhar pra também ajudar minha mãe que o outro pai também deixou pelo fato dela ter... acontecido essa divergência né...

Doc: Hum hum

Inf: Enfim, daí a gente... eu comecei a trabalhar desde os nove e aos quinze vim pra São Paulo pra casa da minha cunhada, vim passear, conhecer... aí fiquei por aqui

Uma avaliação mais cuidadosa desse informante leva-nos a concluir que ele tem sofrido forte influência dos diferentes ambientes em que vive, principalmente referente ao trabalho. O seu relacionamento com pessoas de origens diversas pode ser um fator que o está conduzindo mais rápido a um processo de mudança, como pode ser observado no Excerto 2.

Excerto 2: estilo formal

E: Entendi, e aqui no Brasil, qual é o sotaque que você mais gosta, quando você ouve alguém falando assim do sul, do norte, do nordeste...

I: Eu acho assim... aqui em São Paulo eu acho muito difícil você ter um sotaque específico. Porque você trabalha com gente de todos os países, de todos os lugares... tem, tem... na firma tem japonês, coreano, argentino... que a gente não gosta, que devia tá lá na Argentina e não aqui no Brasil, mas tem em todo lugar, então não tem assim uma cultura específica, uma cultura específica que eu prezo muito é a minha cultura de ... das minhas comida nordestina que são tradição, que eu não deixo de comer não tem como

E: Mas quando você ouve alguém falando você assim, você gosta mais do sotaque da Paraíba do que de São Paulo?

I: Eu acho que assim... eu não... o que eu gosto mais do sotaque é do paulista, porque eu acho que o paulista fala malh/ melhor, fica até mais fácil de você até falar com uma pessoa que fale melhor, que você entende mais.

Interessante salientarmos que ele preza a cultura nordestina, mas avalia negativamente a maneira como seus conterrâneos falam. Sotaque e língua para ele se confundem. O fato de ele gostar do sotaque paulista contribui para o processo de acomodação. Considerando que o uso do rótico pelo paulistano é bem diferente daquele empregado por paraibanos, isso pode ser mais um fator para justificar o processo de variação desse informante.

Mais uma vez, a comunidade de prática a que o falante pertence pode ser um fator decisivo no processo de variação, muito mais do que o nível de formalidade ou informalidade da língua empregada.

O terceiro informante é do sexo feminino, tem 45 anos, possui Curso Superior Completo e reside em São Paulo há mais de cinco anos.

Independentemente de o estilo ser casual ou formal, ela não usa, em momento algum, o rótico paulistano. Categoricamente, seu uso é sempre o rótico aspirado, como falado na Paraíba. Palavras como “acordo”, “porque”, “mercado”, “acordou”, com contextos favoráveis ao emprego do tepe, e encontradas no Excerto 1, classificado como estilo casual, são realizadas com o rótico aspirado.

O mesmo acontece com palavras como “percebo”, “percebe”, “porta”, presentes no Excerto 2, classificado como estilo formal.

Excerto 1: estilo casual

Inf. Eu vim pra São Paulo por pelo pelo coração né? É que eu casei e... tinha essa indefinição de de ou eu vinha morar aqui ou P. ia morar lá e ficou a gente a gente entrou em acordo que ficaria melhor que eu viesse porque era mais fácil de eu arrumar emprego aqui do que ele arranjar lá porque a área dele lá é muito restrita qualquer área a minha também era mas eu já tinha um emprego lá mas o meu emprego assim em qualquer lugar eu podia arranjar o dele é muito específico e lá não tem muito mercado então a gente acordou que ao invés de ele ir pra lá eu vinha morar aqui em São Paulo

Essa informante tem plena consciência de que o “rótico” é a característica mais marcante da fala de São Paulo, como podemos ver no Excerto 2, mas ela se mantém fiel àquele empregado na sua comunidade de origem.

Excerto 2: estilo formal

Doc: Como é o da Paraíba? Você saberia descrever pra mim como é o sotaque da Paraíba?

Inf: Acho que é arrastado é assim é bem cantado né? É diferente do baiano né? Não sei se você já viu. O baiano ele fala como é que o baiano fala é diferente o da gente o meu é bem arrastado quando eu ouço eu falando eu não percebo muito mas quando eu ouço um paraibano falando na televisão a gente percebe né? Olha só a gente fala assim mesmo arrastadinho assim meio cantado

Doc: E do pessoal de São Paulo o que você acha do que eles falam?

Inf: Acho bonito acho bonito. Eu acho bonito e é como eu te falei eu não acho que o paulista tenha muito sotaque

Doc: Que que vocês acha que é a característica mais marcante da pessoa aqui de São Paulo na fala?

Inf: Na fala? É é o r que tem o som de /re/ né? É por exemplo poRta né que eu digo poRta aí aqui diz porta né?

Avaliando o Excerto 2, podemos constatar que a informante tem consciência da diferenciação prosódica que caracteriza os diferentes falares. Seu uso linguístico é consciente, e o fato de não discriminar falares, avaliando-os sempre positivamente pode estar contribuindo para que ela não assimile a marca local. Diferente, por exemplo, do que acontece com o segundo informante.

O quarto e último informante é do sexo feminino, tem 52 anos, possui Curso Fundamental Incompleto e reside em São Paulo há 16 anos.

Essa informante, como o segundo, alterna o uso do rótico, entre o tepe e o aspirado, independentemente de o estilo ser casual ou formal.

Palavras como “parque”, “parquinho”, “jardim”, “carpe”, “guardinha” etc., presentes no Excerto 1, ilustram o processo de variação. Assim, como “porque”, “norte”, “certa”, “certo”, “porta”, presentes no Excerto 2, característico do estilo formal. Essa informante também merecia ter seus dados tratados quantitativamente.

Excerto 1: estilo casual

Inf: Fica aqui no Parque do Pedroso, não tem o Parquinho do Pedroso, ele trabalha do lado.

Doc: E o que que ele faz como jardineiro?

Inf: Ele faz jardim, carpe, p(r)anta...

Doc: E faz tempo que ele trabalha aí

Inf: Faz vinte e sete anos

Doc: Vinte e sete anos? Como jardineiro?

Doc: E as suas filhas, trabalham?

Inf: Ah, essa agora casou não tá trabalhando e essa outra também ela fez a guardinha, trabalhou dois anos, agora ela, ela saiu, né, completou os dois anos, não tinha vaga pra ela ficar trabalhando, aí ela ficou aguardando, agora tá esperando eles chamarem de novo pra trabalhar.

Aí ela fez entrevista a semana passada tá esperando pra ver se vai chamar pra traba(i)ar...

A informante avalia negativamente o falar do “norte”, que corresponde ao falar “nordestino”, mas tem dificuldade de dizer o que o torna diferente do falar paulistano. Quando o faz, refere-se ao léxico, ilustrando com a forma “butar”, muito comum entre paraibanos.

Excerto 2: estilo formal

Doc.: Você presta atenção no quê? No jeito que elas pronunciam as letras?

Ent.: É, no jeito que elas... eu presto atenção assim no jeito que elas fala, né, pra gente não falar errado, né, porque o povo assim do norte fala muito errado, né, muita coisa errada, né

Doc.: O que que é errado?

Ent.: Palavra errada, não fala a, não pronuncia a palavra certa, né... eles sempre pronuncia a palavra errada

Doc.: Vamos pensar numa palavra que pode... que o pessoal fala errado...

Ent.: É tem, que é mais fácil assim que a gente lembra é esse negócio assim que aqui a gente fala “ah, vou por, vou botar essa coisa aqui”, né, lá não, lá eles fala é...ai, como que é...é “butá”, é “butá”, você acha que “buta” tá certo “butá”? É, não sei, eu...

Ent.: É, é mais o que eu lembro assim, né

Doc.: Por exemplo “por”...

Entr.: É, “por” pra eles lá é galinha, né, não tem lá não existe, né.

Doc.: Não se usa lá?

Ent.: Não, não usa

Doc.: É “butá”

Ent.: É, tem que “butá”

Doc.: E...deixa eu ver...como que você chama isso daqui? Como que você fala isso daqui?

Ent.: Ah... é armário.

Doc.: É, todo ele é o armário, e essa parte?

Ent.: Ah...

Doc.: Só essa parte aqui...

Ent.: Ah...

Doc.: Isso que eu fecho...

Ent.: Ah... é a porta

Doc.: Então...aquele é o armário, esse aqui é a...

Ent.: A porta ... lá a gente chama porta, né, não sei como é porta, né

Doc.: É, é porta, né. E aqui em São Paulo, como falam?

Ent.: Não é porta também?

Doc.: É, é o mesmo nome, né

Ent.: Abridor, né

Doc.: Não, é o mesmo nome, mas você acha que pronuncia igual?

Ent.: Ah...eu acho que é igual, né?

Doc.: É igual? Fala de novo?

Ent.: É porta, né

Podemos constatar a partir do Excerto 2, que a informante não demonstra ter consciência da variação dialetal entre as comunidades paraibana e paulistana, quando questionada sobre o uso do rótico na palavra “porta”. Isso pode ser um indício de que a sua variação no uso está abaixo do nível da consciência.

Em relação ao uso dos róticos pelos paraibanos residentes em São Paulo há mais de cinco anos, constatamos que aqueles com mais anos de escolarização são os que não o empregam variavelmente, ao contrário daqueles com menos anos de escolarização.

São também os que têm mais anos de escolarização que demonstram ter consciência de que o rótico *tepe* é uma marca do falar paulistano.

Outro aspecto que constatamos é que a variação estilística entre os falantes menos escolarizados não influencia a alternância de uso, ela ocorre independentemente de o estilo ser casual ou formal.

A postura dos informantes sobre o uso da língua, principalmente os do sexo masculino, é um forte indício de que o contexto social é um dos principais favorecedores na escolha da variação estilística.

Considerações finais

Os dados avaliados nos levam a concluir que o fato de o estilo ser formal ou casual não condiciona a escolha de uma ou outra variável, isto tanto em relação às oclusivas dentais entre paraibanos residentes em João Pessoa, como em relação aos róticos entre paraibanos residentes em São Paulo (capital).

Dos dados observados, fica clara a diferença de postura avaliativa entre falantes com mais e com menos anos de escolarização. Aspectos segmentais que envolvem, por exemplo, os róticos e as oclusivas dentais são percebidos mais facilmente pelos falantes com mais anos de escolarização. Os menos escolarizados, por sua vez, percebem com mais facilidade aspectos prosódicos que marcam as diferenças dialetais.

A alternância de uso, como alguns informantes demonstraram, está muito mais correlacionada ao ambiente, à situação, ao contexto social. Isto ratifica a proposta de Eckert e, em parte, a proposta de Alan Bell.

O que podemos concluir do que avaliamos é que a compreensão da variação estilística passa pela necessidade de buscar outras explicações alternativas, associadas, por sua vez, ao que norteia a teoria da acomodação e os estudos atitudinais. Isso associado a uma postura metodológica específica.

Referências

BELL, Alan. **Language style as audience design**. *Language in Society*. 13 (2), 1984. p. 145-201,

COUPLAND, Nikolas. **Language, situation and the relational self: theorising dialect-style in sociolinguistic**. In: RICKFORD, John; ECKERT, Penelope (eds.). **Style and sociolinguistic variation**. Cambridge/New York: Cambridge University Press, 2001. p. 185 – 210.

COUPLAND, Nikolas. **Style: language variation and identity**. Cambridge: Cambridge University Press, 2007.

ECKERT, Penelope. **Linguistic variation as social practice**. Oxford: Blackwell, 2000.

_____. **Varição, convenção e significado social**. Paper Presented at the Annual Meeting of the Linguistic Society of America. Oakland CA. Jan. 7, 2005.

ERVIN-TRIPP, Susan M. **An analysis of the interaction of language, topic and listener**. In: GUMPERZ, John; HYMES, Dell (eds.). *The ethnography of communication*, 1964. p. 86-102.

FINEGAN, Edward; BIBER, Douglas. **Register and social dialect variation: an integrated approach**. In: Douglas Biber and Edward Finegan (Eds.). **Sociolinguistic perspectives on register**. Oxford: Oxford University Press, 1994. p. 315 – 347.

HALLIDAY, M. A. K. **Language as a social semiotic: the social interpretation of language and meaning**. London: Edward Arnold, 1978.

HYMES, Dell. **Models of the interaction of language and social life**. In: GUMPERZ, John; HYMES, Dell (eds.). **Directions in Sociolinguistics**. New York: Holt, Reinhart and Winston, 1972. p. 35-71.

HORA, Dermeval da. **Projeto Variação Linguística no Estado da Paraíba** – VALPB. 1993. CD-ROM.

KIESLING, Scott Fabius. **Language, gender, and power in fraternity men's discourse**. Ph.D. dissertation, Georgetown University, Washington, 1996.

LABOV, William. **The social stratification of English in New York City**. Washington, DC: Center for Applied Linguistics, 1966.

MENDOZA-DENTON, Norma. **Chicana/Mexicana identity and linguistic variation: an ethnographic and sociolinguistic study of gang affiliation in an urban high school**. Ph.D. dissertation, Stanford University, 1997.

RICKFORD, John R.; ECKERT, Penelope. **Style and sociolinguistic variation**. Cambridge: Cambridge University Press, 2001.

SCHILLING-ESTES, Natalie. **Situated ethnicities: constructing and reconstructing identity in the sociolinguistic interview**. University of Pennsylvania Working Papers in Linguistics 6.2 (Proceedings from NWAVE 27), 1999. p. 137-151.

_____. **Investigating stylistic variation**. In: CHAMBERS, J. K.; TRDGILL, Peter; SCHILLING-ESTES, Natalie (eds.). **The handbook of language variation and change**. Oxford: Blackwell Publishing, 2004. p. 375-401.

WEINREICH, U.; LABOV, W.; HERZOG, M. I. **Empirical foundations for a theory of language change**. In: LEHMANN, W.; MALKIEL, Y. (eds.). **Directions for historical linguistics**. Austin: University of Texas Press, 1968. p. 97-195.